

## Consequências Contemporâneas da Violência Doméstica e Familiar em Mulheres: Revisão da Literatura

Patricia G. Navarro<sup>1</sup> , Andressa K. M. de Oliveira<sup>2</sup> , Antonio R. Carias<sup>3</sup>  e Karinna P. Gôngora<sup>4</sup> 

*Departamento de Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas, São Paulo, Brasil*

**Resumo:** A violência doméstica e familiar contra a mulher é um grave problema de saúde pública e, sendo um fenômeno atravessado pelas discussões de gênero, estima-se que milhares de mulheres brasileiras foram vítimas de violência na última década. Diante deste cenário, o presente estudo de revisão tem como objetivo compreender, na literatura científica nacional, as consequências contemporâneas da violência doméstica e familiar na vida das mulheres brasileiras. Para alcançar esta proposta, foi realizada uma busca no Portal de Periódicos da CAPES, com os seguintes descritores: “Violência Doméstica”, “Mulheres” e “Saúde Mental”, abarcando o período de 2018 a 2022. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, foram selecionados cinco estudos para o corpus da revisão. Para discutir os achados, foram elaborados três eixos temáticos que desvelam as consequências contemporâneas da violência doméstica na vida das mulheres brasileiras. “Isolamento Social” é o primeiro eixo temático, e discorre sobre a restrição dos vínculos interpessoais de mulheres em relacionamentos conjugais abusivos. “Autoestima Fragilizada” desvela os impactos das crenças deste público a partir do contexto da violência doméstica. “Depressão e Risco de Suicídio” é o terceiro e último eixo temático e apresenta o cenário de adoecimento psíquico e desamparo existencial destas mulheres que são vítimas da violência. Espera-se que o presente estudo contribua na discussão contemporânea sobre o tema, e na criação de novas estratégias psicossociais afinadas às necessidades desta população.

**Palavras-chave:** violência doméstica, saúde mental, mulheres

## Contemporary Consequences of Domestic and Family Violence in Women: Literature Review

**Abstract:** Domestic violence against women is a serious public health problem and, as a phenomenon permeated by gender discussions, it is estimated that thousands of Brazilian women have been victims of violence in the last decade. Given this scenario, the present review study aims to understand, in the national scientific literature, the contemporary consequences of domestic and family violence in the lives of Brazilian women. To achieve this proposal, a search was carried out on the CAPES Periodicals Portal, with the following descriptors: “Domestic violence”, “Women” and “Health”, covering the period from 2018 to 2022. After applying the eligibility criteria, five studies were selected for the review corpus. To discuss this scenario, three thematic axes were created that reveal the contemporary consequences of

<sup>1</sup> Bióloga e Psicóloga clínica. Especializanda em Psicanálise com ênfase na clínica contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). *E-mail:* patriciagnavarro@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF). *E-mail:* andressa.mendes@mail.usf.edu.br

<sup>3</sup> Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Realizou Treinamento Avançado em Abordagens em Dependência Químicas e Psicoterapia Breve pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Faculdade de Psicologia e Coordenador da Residência em Saúde Mental da Universidade São Francisco (USF). *E-mail:* antonio.carias@usf.edu.br

<sup>4</sup> Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Especialista em Psicologia Analítica. Mestre em Saúde Mental e Psicofarmacologia pela Universidad de Almería. *E-mail:* karinna.gongora@usf.edu.br

domestic violence on the subjectivity of Brazilian women. "Social Isolation" is the first thematic axis, and discusses the restriction of interpersonal bonds of women in abusive marital relationships. "Fragilized Self-Esteem" reveals the impacts of this public's beliefs from the context of domestic violence. "Depression and Risk of Suicide" is the third and final thematic axis and presents the scenario of psychological illness and existential helplessness of these women who are victims of violence. It is hoped that the present study will contribute to the contemporary discussion on the topic, and to the creation of new psychosocial strategies tailored to the needs of this population.

**Keywords:** domestic violence, mental health, women

## introdução

O lar é conhecido como um local de afeto, ou pelo menos assim deveria ser. A violência ocorrida dentro dos lares é um fato histórico e cultural que acomete, principalmente, as mulheres. Estima-se que, no ano de 2022, 30% das mulheres brasileiras sofreram algum tipo de violência ou agressão (Cerqueira et al., 2023). A lei Maria da Penha (*Lei nº 11.340, 2006*), cujo nome é uma homenagem a uma cidadã brasileira vítima da violência realizada pelo ex-companheiro, possibilita nomear e legislar sobre os tipos de violência vividos pela mulher (Fonseca et al., 2012). De acordo com essa legislação, a violência doméstica e familiar é composta por todo ato ou omissão fundamentado no gênero e que produz sofrimento emocional, físico, sexual, dano moral, lesão e/ou morte e que acontece no âmbito doméstico, familiar ou em qualquer relação íntima, independente da coabitação. Dentre as diversas manifestações da violência doméstica e familiar, a lei destaca a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (*Lei nº 11.340, 2006*). Em todas essas manifestações da violência doméstica e familiar há repercussões emocionais significativas que merecem atenção psicológica especializada. Na atualidade, a Lei nº 13.104 (2015) visa somar na proteção à mulher, nomeando o feminicídio como homicídio de mulheres por parceiros íntimos e destacando a relação desse crime com o histórico de violência doméstica e familiar, além de garantir os direitos essenciais para a proteção e garantia da vida dessas mulheres (*Lei 13.104, 2015*).

Atualmente, a violência contra as mulheres é amplamente reconhecida como grave violação dos direitos humanos (Garcia-Moreno et al., 2006). Se antes as mulheres eram consideradas pessoas subordinadas aos seus cônjuges, a partir da década de 1960 elas passam a reivindicar direitos em uma sociedade patriarcal. Nesta época, inspiradas pelas contribuições do movimento feminista, muitas mulheres desafiaram o sistema e assumiram funções e tarefas antes reservadas aos homens (Bianchini, 2014; Mâncio et al., 2020).

Apesar das conquistas das mulheres quanto aos seus direitos, prevalece ainda na sociedade uma cultura que oprime e desqualifica a condição existencial da mulher. A misoginia, preconceito socialmente construído que propaga o ódio ou a aversão à condição da mulher, inibe o desenvolvimento de políticas públicas, de serviços qualificados, de atitudes fraternas e empáticas perante as necessidades emocionais e psicossociais das mulheres. O preconceito misógino se manifesta como tratamento desigual entre os gêneros, visto que, na cultura patriarcal, o homem é historicamente representado com atributos de superioridade física e/ou intelectual, enquanto as mulheres são representadas como vulneráveis e dependentes (Vergara, 2018). Neste contexto social, marcado pela opressão às mulheres, destaca-se uma cultura que representa o homem como dominador e a mulher como dominada (Duarte, 2022).

Para Saffioti (2002), essa relação opressiva do gênero masculino para com o gênero feminino pode ser nomeada como relação de dominação-exploração. De acordo com a autora, o gênero masculino historicamente cunhou regras sociais de conduta, recebendo da sociedade uma tolerância para punir aqueles que se desviam das normas. Neste contexto, mulheres em situação de violência doméstica e familiar eram culpabilizadas pelo seu sofrimento, dada a conjuntura que fortalecia a dominação masculina e justificava atos de opressão aos que desafiassem as normas culturais e sociais.

Com a luta pelos direitos das mulheres, a discussão sobre a violência doméstica e familiar ganhou gradativamente espaço na mídia, na interação social e na produção do conhecimento. Atualmente, sabe-se que esta violência acontece dentro de um ciclo abusivo de relacionamento (D'Agostini et al.,

2021). Há um padrão de abuso pelo parceiro íntimo, visível em gestos como tapas, chutes, queimaduras, tentativas de estrangulamento, controle da rotina, coerção sexual, desqualificação moral, ameaça às pessoas da família, intimidações, humilhações e destruição de objetos com significado afetivo (Day et al., 2003). Tanto o agressor como a pessoa agredida são vítimas deste ciclo abusivo e merecem atenção psicológica e psicossocial para lidar com os impactos e consequências desta violência (Cruz et al., 2018).

Considerando esse cenário em que o agressor e a pessoa agredida são vítimas de um histórico ciclo de violência, frequentemente transmitido culturalmente entre as gerações, compreender o ciclo do abuso e da violência visa descrever comportamentos para identificar, nomear e auxiliar as pessoas envolvidas – as mulheres agredidas e os agressores – na autopercepção sobre o padrão de abuso e violência na história de vida (Soares, 2005). Em intervenções terapêuticas e/ou intervenções psicossociais, busca-se promover a autopercepção sobre o ciclo do abuso e da violência, acolher a demanda emocional que surge e trabalhar para a criação de novos repertórios ou estratégias relacionais que visem quebrar esse ciclo de violência (Silva, 2021).

Desse modo, Nogueira (2018) descreve três fases no ciclo de abuso e violência. A primeira é composta pelas agressões verbais, ameaças e destruição de objetos pelo agressor, e a mulher sente-se culpada pelos acontecimentos. Nessa etapa, a mulher acredita que é responsável pelas atitudes do parceiro e, em razão disso, busca se comportar para diminuir a intensidade da raiva dele. Na segunda fase, há o pico ou ponto máximo da tensão que culmina em agressão física. Neste momento, a mulher se sente invadida e o agressor confuso quanto aos seus próprios sentimentos na relação conjugal. Na terceira e última fase, há o remorso do agressor e o medo de perder a companheira, o que mobiliza da sua parte a tentativa de reconciliação. Do ponto de vista da mulher, a mudança comportamental do seu parceiro acena a possibilidade de uma nova vida, ou seja, de uma nova tentativa de resgatar o relacionamento. Contudo, frequentemente o ciclo se reinicia, instalando o sofrimento emocional em todos os envolvidos.

Apesar dos avanços obtidos com as legislações, há desafios para a garantia da proteção,

cidadania e dignidade das mulheres em situação de violência. Há correlação entre violência doméstica e familiar e desenvolvimento de sofrimento mental nas mulheres. Os impactos são visíveis nos sintomas depressivos, ansiosos, de estresse pós-traumático, de automutilação e de ideação suicida (Koss, 1990; Silva et al., 2019).

Netto et al. (2014) avaliaram as consequências emocionais da violência contra a mulher e identificaram que essa população vive prejuízos significativos nos âmbitos psicológico, corporal e social. Dentre os sintomas físicos, destacam-se a insônia, a cefaleia, a fadiga, a constipação e o emagrecimento. As consequências emocionais foram os sentimentos de aniquilação, tristeza, desânimo, solidão, baixa autoestima, incapacidade, impotência, ódio e inutilidade. Dentre as consequências do campo social, destacam-se o isolamento e a dificuldade para construir novas relações interpessoais.

Morais (2009) identifica que mulheres em situação de violência doméstica e familiar têm mais probabilidade de desenvolver um episódio depressivo do que as mulheres que se separaram do parceiro íntimo. Sintomas como irritabilidade, tristeza, pessimismo, insatisfação, culpa e ideação suicida eram comuns nos discursos das mulheres em situação de violência. Esse resultado contraria o imaginário social de que um relacionamento íntimo está associado à proteção e prevenção ao sofrimento mental significativo.

Tendo em vista o cenário contemporâneo em que as mulheres são desafiadas por uma sociedade que mantém valores patriarcais, apesar das conquistas nos direitos político-sociais das mulheres, cabe se questionar como se manifesta as consequências da violência vivida por esse público. Deste modo, o objetivo do presente estudo de revisão de literatura é compreender as consequências contemporâneas da violência doméstica e familiar na vida de mulheres brasileiras.

### **Estratégias Metodológicas**

Para acessar o objetivo desta pesquisa, foi realizada uma revisão integrativa que visa agrupar e discutir os principais achados na área. Essa proposta

de revisão é uma prática baseada em evidências (PBE), que possibilita a síntese do conhecimento (Souza et al., 2010). A revisão integrativa tem sido apontada como uma importante ferramenta no campo da saúde, pois ao sintetizar as pesquisas disponíveis sobre determinada temática, ela instrumentaliza o profissional inserido nas atividades práticas. Para a sua elaboração, se faz necessária a adoção de seis etapas, as quais apresentam um rigor metodológico em busca de evidências sobre determinado assunto (Souza et al., 2010; Soares et al., 2014).

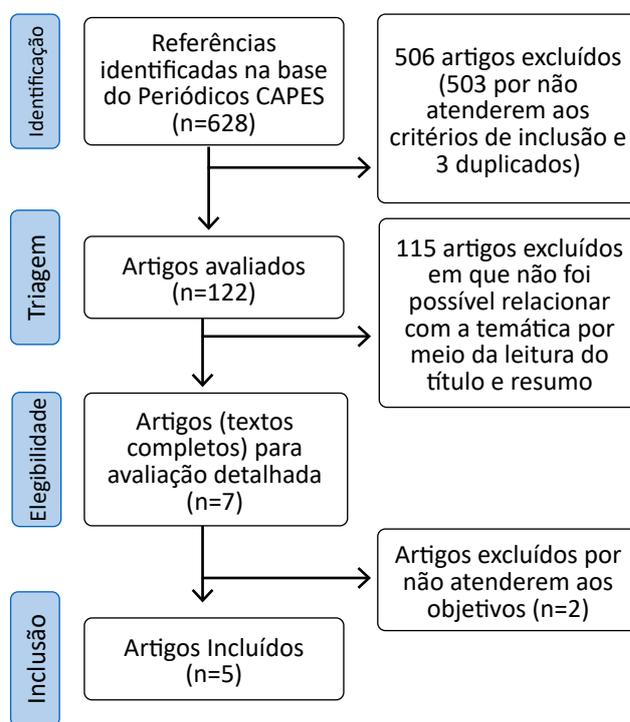
A primeira etapa é a elaboração da pergunta que inaugura a revisão. A pergunta norteadora possibilita direcionar o foco da busca e a construção dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos. Na sequência, a segunda etapa é o pareamento das palavras-chave relacionadas ao foco da pesquisa em uma ou mais bases de dados. Na etapa da coleta de dados, os estudos são selecionados por meio dos critérios de inclusão e exclusão. Nesta etapa, os pesquisadores selecionam gradativamente os artigos por meio da leitura dos títulos, resumos e textos completos. A análise crítica dos artigos incluídos é a quarta etapa e consiste na leitura do *corpus* final da revisão em busca da apreensão dos eixos temáticos. A discussão dos resultados e a apresentação do manuscrito da revisão integrativa são, respectivamente, o quinto e o sexto passos (Souza et al., 2010).

No presente estudo, a pergunta norteadora é: como se manifestam as consequências contemporâneas da violência doméstica e familiar contra as mulheres no cenário nacional? Para acessar o tema foram pareados os descritores “Violência doméstica”, “Mulheres” e “Saúde” no Portal de Periódicos da CAPES com o operador booleano “AND”. Os critérios de inclusão da busca foram: a) artigos dos últimos cinco anos (2018-2022); b) publicados na língua portuguesa; c) disponíveis integralmente na base de dados; d) revisados por pares; e) que abordassem as consequências em mulheres em situação de violência. Foram excluídos os artigos que: a) abordassem tangencialmente o assunto; b) repetidos; c) livros, capítulos de livros, dissertações ou teses acadêmicas.

Por meio do uso das palavras-chave no Portal de Periódicos da CAPES, retornaram 628 estudos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, retornaram 125 artigos. Desse total, três estudos repetidos foram excluídos. De 122 artigos restantes, foram realizadas a leitura dos títulos e dos resumos, e somente sete artigos foram selecionados. Após a leitura do texto na íntegra, apenas cinco estudos compuseram o *corpus* final da revisão de literatura. Esse processo está ilustrado na figura 1.

**Figura 1**

*Fluxograma da seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa.*



*Nota. Elaborada pelos autores, conforme recomendação PRISMA (Moher et al., 2009).*

Por meio da leitura na íntegra dos cinco artigos, foram analisadas as características metodológicas dos estudos, características da violência doméstica e compreensão do seu impacto na vida das mulheres. Os artigos foram lidos na íntegra e, após leitura flutuante e discussão em grupo, três eixos temáticos foram elaborados. Cada eixo desvela uma faceta das consequências contemporâneas da violência doméstica nas mulheres.

## Resultados e Discussão

A presente seção contém os principais resultados da revisão e a discussão dos eixos temáticos. Dentre os estudos que compõem o *corpus* desta revisão, destaca-se os seguintes dados: primeiramente, os artigos selecionados foram publicados entre 2018 e 2022, sendo dois deles em 2018 e um artigo respectivo para os anos de 2019, 2021 e 2022. Em relação aos estados do país onde os estudos foram realizados, há dois artigos do estado da Bahia, dois do Rio Grande do Sul e um da Paraíba. Os estudos foram publicados em revistas da enfermagem e um artigo em revista da área interdisciplinar de saúde mental. No que se refere à classificação das revistas em que os artigos selecionados foram publicados, no período de 2018 a 2022, um estudo pertence a uma revista A4, três estudos foram publicados em revista de nota B1 e um estudo foi publicado em uma revista B3. Todos os artigos selecionados são empíricos e de abordagem qualitativa, ou seja, são estudos que focam nos significados das experiências humanas.

**Tabela 1**

*Informações descritivas das publicações selecionadas para a revisão.*

ID	Autores/Ano	Revista	Qualis	Caráter	Objetivo
1	Correia et al. (2018)	Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas	B1	Empírico, qualitativo	Identificar sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica.
2	Guimarães et al. (2018)	Revista Cuidarte	B1	Empírico, qualitativo	Investigar qual o impacto na autoestima de mulheres vítimas de violência.
3	Paz et al. (2019)	Aquichan	A4	Empírico, qualitativo	Analisar as vulnerabilidades de mulheres atendidas em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência.
4	Nogueira et al. (2021)	Revista Enfermagem Contemporânea	B3	Empírico, qualitativo	Compreender as situações e repercussões de violência doméstica na saúde das mulheres abrigadas em uma casa de passagem.
5	Gomes et al. (2022)	Cogitare Enfermagem	B1	Empírico, qualitativo	Desvelar a permanência de mulheres em um cotidiano conjugal violento.

*Nota. Elaborada pelos autores com base em Correia et al. (2018); Guimarães et al. (2018); Paz et al. (2019); Nogueira et al. (2021); Gomes et al. (2022).*

Quanto às características metodológicas dos estudos selecionados, destacam-se os seguintes dados: a amostra de participantes varia entre oito a vinte e nove mulheres; a entrevista semiestruturada é o principal estilo de entrevista utilizado, e dentre os instrumentos do processo de entrevista, destacam-se o uso de formulários, roteiros e diários de campo. Quanto aos resultados dos estudos, observa-se que a violência doméstica produz sofrimento emocional significativo que impacta a qualidade de vida e as relações interpessoais.

**Tabela 2***Aspectos metodológicos e principais resultados das publicações*

ID	Amostra	Tipo de Entrevista	Instrumentos	Resultados/Discussão
1	10 mulheres	Entrevistas semiestruturadas	Formulário	As entrevistas apontam para labilidade emocional, baixa autoestima, impotência, angústia e impulsividade vividas pelas mulheres. A ideação, o planejamento e a execução da tentativa de suicídio são fatores de risco identificados nos relatos das vítimas de violência doméstica.
2	11 mulheres	Oficinas e entrevistas semiestruturadas	Diário de campo	Dentre as consequências do impacto da violência doméstica, destacam-se a depressão, insônia, traumas, perda da identidade feminina, baixa autoestima, dependência financeira, perda da liberdade e submissão.
3	15 mulheres	Entrevistas semiestruturadas	Os autores não apresentaram o tipo de instrumento utilizado	As entrevistas desvelam vulnerabilidades individuais e sociais. As mulheres vivenciam isolamento social, medo e vergonha em denunciar o agressor. Destacam-se os sentimentos de tristeza, indignação, autoestima fragilizada e vulnerabilidades sociais baseadas na desigualdade entre os gêneros.
4	08 mulheres	Entrevistas semiestruturadas	Roteiro	As respostas aos roteiros desvelam que as situações de violência afetam a saúde mental das mulheres, acarretando traumas e perda da liberdade.
5	29 mulheres	Entrevistas semiestruturadas	Roteiro	As histórias de vida relatadas nas entrevistas desvelam o comprometimento psicoemocional das mulheres em razão da violência vivida. Destacam-se os sentimentos de ambivalência, rebaixamento da autoestima e depressão.

Três eixos temáticos foram elaborados para discorrer sobre as consequências contemporâneas da violência doméstica e familiar na vida das mulheres brasileiras. Cada eixo possibilita refletir sobre uma faceta das consequências dessa violência, o que viabiliza novas perspectivas de compreensão do fenômeno e atuação psicossocial para manejá-lo. O primeiro eixo é “Isolamento Social” e descreve o movimento das mulheres de se isolarem da família extensa e dos amigos, como estratégia de sobrevivência emocional. “Autoestima Fragilizada” é o segundo eixo temático e contempla uma discussão acerca da vulnerabilidade corporal frente às agressões físicas e psicológicas de um parceiro íntimo em um relacionamento abusivo. Finalmente, “Depressão e Risco de Suicídio” é o terceiro e último eixo e aborda o adoecimento psíquico que culmina na depressão, fatalismo, desespero e nas tentativas de suicídio.

### **Isolamento Social**

Dentre as consequências contemporâneas da violência doméstica e familiar, os estudos agrupados nesta categoria evidenciam o isolamento social no qual as mulheres se veem submetidas, como, por exemplo, o comprometimento das atividades laborais e a dificuldade de iniciar ou manter os relacionamentos interpessoais, levando-as à perda da liberdade, dependência financeira e à submissão. Dado o contexto abusivo, as mulheres se isolam socialmente, seja em razão da imposição abusiva/agressiva do parceiro ou em razão de uma estratégia de sobrevivência psíquica para conter os agravos do cenário de violência vivido. A imposição de restrição da liberdade pelo parceiro íntimo favorece o desenvolvimento de um quadro depressivo em muitas mulheres. O isolamento tem como principal motivo a vergonha e o medo de novas atitudes violentas por parte do parceiro (Netto et al., 2016).

Por meio da revisão da literatura, foram encontrados três artigos que tratam do tema em questão. Primeiramente, Paz et al. (2019), ao estudarem as vulnerabilidades das mulheres em situação de violência doméstica, identificam desafios na criação e manutenção dos vínculos interpessoais. A opressão vivida dentro de casa, perpetuada por um parceiro íntimo abusivo/agressor, produz um cenário ambiental em que a mulher se vê refém de um ciclo de abuso, violência e sofrimento. Com medo de denunciar o agressor, essas mulheres se veem submetidas a um ciclo de violência contínuo, de saída marcado pela desesperança, levando-as ao isolamento social, dependência financeira e restrição dos vínculos familiares e sociais.

Em segundo, Guimarães et al. (2018) concluem que o sentimento de posse e a dominação masculina constituem o principal tipo de agressão sofrida pelas mulheres, as quais são silenciadas sob condições físicas e psíquicas, fazendo com que elas se isolem e sofram intensamente. Finalmente, Correia et al. (2018) revelam que a violência doméstica pode desencadear nas mulheres um sentimento de impotência diante da vida. As mulheres, ao se sentirem cotidianamente inferiorizadas pelos homens, desligam-se das atividades de que costumavam gostar, inclusive das relações interpessoais e do trabalho, e passam a se defender de um contexto abusivo, agressivo e invalidante por meio do isolamento.

Diante das informações fornecidas pelos artigos do escopo da revisão, cabe o questionamento sobre como se constitui a rede de apoio das mulheres socialmente isoladas em razão da violência doméstica e familiar. Para desenvolver essa reflexão recorreremos a outros estudos, além do escopo da revisão, que nos auxiliam a tecer uma linha de raciocínio reflexivo. A primeira conclusão é que essa rede de apoio é extremamente frágil e marcada pela sensação de impotência. A família extensa e os amigos íntimos, muitas vezes, deixam de prestar ajuda à mulher devido ao comportamento violento apresentado pelo agressor, e que pode colocar a vida de todos em risco. Alguns membros familiares e amigos evitam o contato interpessoal com a mulher para não se envolverem com as demandas e conflitos

do casal. Nesse cenário, a mulher é frequentemente culpabilizada pela violência vivida, assim como é isolada por aqueles que poderiam lhe fornecer o devido amparo emocional (Martins & Bartilotti, 2015; Souza & Silva, 2019).

No contexto da pandemia de Covid-19, as mulheres ficaram duplamente isoladas, primeiro porque são excluídas, estigmatizadas e culpabilizadas pela condição vivida, segundo porque a pandemia exigiu uma nova configuração social em que as pessoas deveriam se isolar em suas casas devido à quarentena. Nesse contexto, apesar das violências vividas, muitas mulheres se sentiram desamparadas em razão da redução da jornada de trabalho e/ou escassez de serviços públicos de apoio às vítimas. Equipamentos da assistência social, segurança pública, saúde e justiça foram ajustados para escalas e/ou horários reduzidos devido à pandemia, o que gerou desafios no atendimento às necessidades dessa população durante o auge do período pandêmico. Muitas mulheres preferiram se isolar ainda mais, talvez para sobreviverem emocionalmente ao impacto das violências ou talvez para evitarem o desconforto da culpa e vergonha da exposição pública da vida doméstica/familiar (Feio et al., 2022).

Os sentimentos que fomentam o isolamento social das mulheres são a vergonha, culpa, inibição e medo. Muitas mulheres sentem-se culpadas pela agressão vivida, buscando se autorresponsabilizar pelos acontecimentos violentos. Inibidas e sentindo-se responsáveis pela agressão, essas mulheres se recolhem em suas casas e evitam qualquer tipo de relacionamento, aumentando o nível de violência e evitando que os agressores sejam conhecidos e notificados. Esta constelação afetiva vivida pelas mulheres se torna uma prisão afetivo-emocional capaz de facilitar o adoecimento psíquico e inibir a denúncia para os órgãos responsáveis pela proteção das vítimas (Martins & Bartilotti, 2015; Fonseca et al., 2012; Pontes et al., 2021).

O recorte de gênero é um importante fator a ser analisado no isolamento e silenciamento dessas mulheres, as quais se sentem desacreditadas pelo simples fato de serem mulheres. A submissão, isolamento social e silenciamento advêm de uma cultura machista e patriarcal que ensina o homem

a invalidar, isolar e silenciar as mulheres (López & Sánchez-Loyo, 2015). A violência por parceiro íntimo, e o consequente isolamento social, são mais evidentes na história de vida de mulheres negras e periféricas que, por estarem muitas vezes em contexto de vulnerabilidade social, apresentam maiores desafios para manter uma rede de apoio para se afastarem do agressor (Gomes et al., 2022).

Outra consequência bastante relevante, que compromete drasticamente a qualidade de vida dessas mulheres, é o afastamento do trabalho. Diante da violência doméstica, que devasta a saúde física e mental, essas mulheres são afetadas na qualidade do seu trabalho e sentem-se isoladas dos seus colegas de profissão e da sensação de autoeficácia. Presume-se que no mundo, um em cada cinco dias de absenteísmo feminino no trabalho, decorre em função da violência doméstica (Adeodato et al., 2005). Cerqueira et al. (2019) desvelam que mulheres que começaram a desenvolver sua independência econômica e financeira, passaram a sofrer mais violência física e psicológica pelos parceiros ou ex-parceiros íntimos, confirmando o ciclo misógino e patriarcal vigente na sociedade atual. Apesar da legislação contemporânea proteger o vínculo empregatício da mulher que vivencia violência doméstica e familiar, são frequentes os casos em que as mulheres perdem a autonomia e ficam presas em ciclos abusivos de agressão que fomentam o isolamento social (Oshiro, 2017).

### **Autoestima Fragilizada**

No presente eixo temático, destaca-se a descrição dos estudos quanto ao impacto da violência doméstica e familiar na autoestima das mulheres. Sendo a autoestima o conjunto de atitudes que cada pessoa tem sobre si mesma, a depender do contexto social que ela está inserida, mulheres que sofrem violência psicológica têm sua autoestima diminuída (Carneiro & Freire, 2015; Mosquera & Stobäus, 2006).

Quanto aos estudos revisados, três artigos tratam desta temática. Primeiramente, Correia et al. (2018), ressaltam a importância que a autoestima tem na vida das mulheres. Quando a violência doméstica e familiar se torna presente na história

das participantes, os autores destacam o impacto dessa violência na autoimagem e no autocuidado. Muitas participantes descrevem o processo de adoecimento mental, que se inicia com o isolamento social e se expande com as dúvidas e inseguranças quanto à validade dos próprios sentimentos. Há reflexos desse impacto na autoestima feminina, quando as mulheres sentem-se menos capazes de lidar com desafios ou emoções. Muitas se sentem sobrecarregadas e abandonam o próprio cuidado corporal e mental.

Paz et al. (2019) identificam os principais impactos na autoestima das mulheres que vivenciam a violência. Ao se sentirem controladas pelo parceiro, as mulheres vivenciam um sistema de dominação opressor e paralisante, no qual elas perdem o controle do próprio corpo e dos pensamentos e se sentem desvalorizadas. Inicialmente, há isolamento social e medo de denunciar, mas, na sequência, aparecem os impactos na autoestima e na autoimagem, como autocobrança, culpa, críticas à própria história e ao próprio corpo. Essas vulnerabilidades afetam a mulher, que se sente desamparada e desenvolve uma imagem distorcida sobre si e sobre o mundo.

Por fim, Gomes et al. (2022) afirmam que há mulheres que se identificam com as ofensas e humilhações proferidas pelos seus parceiros e ex-parceiros, o que desvela um rebaixamento da autoestima e do autocuidado. De acordo com os autores, dado o impacto na autoestima, aliado ao contexto histórico de uma sociedade patriarcal, muitas mulheres são tomadas pela crença de que o sentimento de posse e o padrão de controle dos homens são uma manifestação de amor e cuidado pela relação conjugal. Essa interpretação distorcida inviabiliza muitas denúncias e facilita a manutenção de relacionamentos conjugais abusivos.

Diante dos dados fornecidos pelos artigos do escopo de revisão, cabe o questionamento sobre qual a relação entre a diminuição da autoestima e o sofrimento mental significativo. Para desenvolver essa reflexão, recorreremos a outros estudos fora do escopo de revisão. Segundo Day et al. (2003), a destruição da autoestima contribui para o surgimento de transtornos mentais como depressão, estresse pós-traumático, abuso de álcool e/ou

drogas e tentativas de suicídio. Observa-se que a violência física e psicológica produz efeitos nefastos na subjetividade feminina, quando a mulher tem a autoestima diminuída e passa a depender emocional e financeiramente de seu agressor.

Paiva et al. (2017) descrevem que muitas mulheres têm a autoestima afetada porque os homens agressores as culpabilizam pela agressão. Nesse sentido, as mulheres são culpabilizadas, enquanto os agressores se esquivam da responsabilidade dos seus atos. Para Dourado e Noronha (2014), o tapa no rosto de uma mulher possui um significado cultural emblemático da violência em nossa cultura e sociedade. O rosto, em muitas culturas, é uma das partes do corpo mais valorizadas e que representa a identidade. O dano associado a essa região possui forte carga simbólica, na medida em que machuca um símbolo identitário e reforça a opressão masculina sobre o corpo feminino. Talvez essa associação simbólica explique a frequente agressão física dos homens ao baterem no rosto das mulheres.

De acordo com Paiva et al. (2022), o constructo autoestima deve ser trabalhado em um processo psicoterapêutico destinado às mulheres em situação de violência, seja no enquadre individual ou grupal. Mulheres que participam de psicoterapia grupal fortalecem a autoestima e conseguem romper com o ciclo da violência (Rodríguez & Pazmiño, 2019).

Porém, ainda há uma carência de equipamentos e serviços afinados às necessidades dessa população. Balbuena (2011), por exemplo, destaca que as delegacias de defesa da mulher não oferecem um atendimento que contemple os aspectos psicossociais das vítimas, e particularmente destaca a importância da formação continuada dos profissionais desta delegacia para que sejam capacitados a acolher, validar e manejar o sofrimento feminino em razão da violência doméstica e familiar.

### **Depressão e Risco de Suicídio**

Esta categoria temática agrupa os achados dos estudos de revisão quanto à relação entre violência doméstica e adoecimento mental das vítimas, sofrimento que se manifesta como depressão e risco de suicídio. Dado o impacto

da violência doméstica em suas vidas, muitas mulheres vivenciam a impotência, desesperança e o medo quanto ao futuro da própria história. Esses sentimentos, despertados pelo contexto ambiental insalubre, facilitam o aparecimento de sinais e sintomas depressivos. Como última manifestação do sofrimento psíquico, a ideação e/ou planejamento suicida estão presentes na história de mulheres em situação de violência e que adoeceram mentalmente. Nesse sentido, o comportamento suicida está frequentemente associado à impossibilidade de o indivíduo identificar alternativas viáveis para a solução dos seus conflitos, enxergando a morte como o único caminho para aliviar o seu sofrimento. Neste sentido, detectar e tratar adequadamente a depressão reduz as taxas de suicídio (Barbosa et al., 2011).

No escopo da presente revisão, foram encontrados três artigos que discutem sobre a depressão e o suicídio. Primeiro, nos estudos de Correia et al. (2018), mulheres com histórico de violência doméstica apresentaram comportamentos depressivos, destacando-se a labilidade emocional, sensação de impotência, angústia e impulsividade, que podem evoluir para ideação ou planejamento suicida. Muitas mulheres descrevem que buscam cessar a dor psíquica insuportável que sentem e veem como única solução a morte. Embora nem sempre isso aconteça, o estudo demonstrou que pode haver uma evolução para condutas suicidas, manifestada por características psicológicas expressivas, como a rigidez do pensamento, impulsividade e ambivalência.

Já Guimarães et al. (2018) identificam que a violência doméstica produz graves prejuízos psicológicos para as mulheres, destacando-se a depressão como transtorno mental associado ao contexto violento vivido por esse público. Por último, Gomes et al. (2022) sinalizam que a violência doméstica compromete emocionalmente as mulheres e que a depressão é uma das consequências geradas em um relacionamento abusivo.

Diante dos artigos revisados, cabe ampliar a discussão e destacar o fato de que os estudos indicam que o sofrimento psíquico e seu efeito cumulativo podem facilitar o aparecimento de

doenças psicossomáticas e transtornos mentais, destacando-se a depressão como sofrimento mental significativo em mulheres vítimas de violência (Fonseca et al., 2012). Para corroborar esse raciocínio, recorreremos a estudos que ampliam essa reflexão. Adeodato et al. (2005) identificam que a qualidade de vida das mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo foi afetada, sendo que 72 % tiveram pelo menos um episódio de depressão, 38 % pensaram na possibilidade de suicídio e 24 % passaram a fazer uso de medicamentos psiquiátricos após o início das agressões.

Segundo Correia et al. (2014), a depressão é o principal transtorno mental que é identificado nas entrevistas das mulheres com ideação, planejamento e/ou tentativas de suicídio. Botega et al. (2005) estudam os fatores associados ao suicídio e identificam que o transtorno depressivo maior está relacionado a esse tipo de sofrimento. Parece que os sintomas depressivos contribuem para as ideações, planejamentos e/ou tentativas de suicídio (Chachamovich et al., 2009). Soma-se aos sinais e sintomas depressivos, a sobrecarga vivida pelas mulheres em nossa sociedade, dado que frequentemente elas são as figuras responsáveis pelo sustento e manutenção do lar (López & Sánchez-Loyo, 2015).

Meneghel et al. (2013) compreendem o suicídio como uma situação-limite na vida de mulheres, talvez como a única saída que muitas encontram para os conflitos sociais e interpessoais, os quais lhes geram sofrimento e mal-estar avassaladores. O isolamento social e a falta de acesso a serviços ou equipamentos de saúde ou assistência social, que possam servir como suporte a essas mulheres, agravam ainda mais a situação na qual se encontram. Nesse sentido, Devries et al. (2011) chamam a atenção para a necessidade de inserir a violência de gênero como prioridade nas estratégias de redução do risco suicida. Mulheres atendidas em serviços de saúde devido à violência grave permanecem vivendo em situação de vulnerabilidade, com risco de sofrer novas agressões e de repetir a tentativa de suicídio, tendo em vista a forte correlação existente entre violência doméstica e risco suicida.

## Considerações finais

A presente pesquisa investiga as consequências contemporâneas da violência doméstica e familiar na vida de mulheres brasileiras no contexto da literatura nacional. Nosso país apresenta altos índices de violência doméstica e familiar contra mulheres, cujas consequências trazem danos psicossociais, muitas vezes tardios em serem reconhecidos. Conhecer os impactos dessa violência e como isso afeta a saúde das mulheres, pode contribuir para intervenções psicossociais afinadas às necessidades dessa população, assim como contribuir na promoção de práticas preventivas e educativas em saúde e direitos das mulheres.

O presente estudo destaca o isolamento social, a autoestima fragilizada, a depressão e o risco de suicídio como as consequências contemporâneas da violência doméstica e familiar na vida das mulheres brasileiras. Ainda que a mulher brasileira venha ganhando espaço e representatividade político-social, sobretudo em espaços antes dominados apenas pelos homens, a violência pela condição existencial feminina é, infelizmente, uma realidade comum no cotidiano da nossa população.

Produzir conhecimento nesta área contribui para nomear as violências vividas pelas mulheres e construir políticas públicas e intervenções especializadas. Cabe ressaltar que, assim como as mulheres sofrem em razão da violência vivida, os homens/agressores sofrem em razão da reprodução, muitas vezes inconsciente, da lógica patriarcal e do ciclo relacional de abuso e violência. Nesse sentido, tornam-se pertinente novos estudos sobre o cuidado multiprofissional ao agressor e a criação de estratégias e/ou intervenções para esse público historicamente negligenciado em termos de cuidado especializado. Prevalece, em nossa cultura, a construção de intervenções focadas nas demandas emocionais e psicossociais das mulheres agredidas, mas há carência de estudos e propostas interventivas voltadas aos agressores descritas na literatura nacional. Tratar das demandas psíquicas e sociais dos agressores possibilita prevenir futuras situações de conflito e violência doméstica e familiar.

Como limitação do presente estudo, destaca-se o seu recorte nacional, em

língua portuguesa. Sabemos que há artigos que descrevem a realidade brasileira descritos em língua inglesa ou espanhola; contudo, visando abarcar estudos acessíveis à consulta e à leitura da maioria dos profissionais brasileiros, foram excluídos da revisão os artigos em outros idiomas, apesar da potencialidade desses estudos. Considerando essa limitação dos resultados, sugerem-se novas revisões de literatura que abarquem artigos internacionais.

Os resultados obtidos via revisão de literatura, possibilitam pensar a prática profissional e as políticas públicas de cuidado a essa população. Se quatro trabalhos foram publicados em revistas da enfermagem e um artigo em revista multidisciplinar de saúde mental, cabe destacar a carência de produção em revistas de psicologia e de psiquiatria para abordar as consequências contemporâneas da violência doméstica e familiar na vida de mulheres brasileiras. Sugerem-se novos estudos psicológicos, de abordagem qualitativa, para acessar os significados das experiências dessas mulheres quanto aos impactos da violência em suas trajetórias de vida.

Finalmente, fazem-se necessários novos estudos psicológicos que abarquem a complexidade da discussão das intersecções sociais entre gênero, etnia, classe social, orientação sexual, idade e outras características identitárias, que possibilitam compreender, em profundidade, os impactos da violência doméstica e familiar em diferentes contextos. A produção desse conhecimento empírico possibilitará a construção de novas práticas profissionais para esse público, historicamente marginalizado de cuidado sensível e afinado às suas demandas.

## Referências

- Adeodato, V. G., Carvalho, R. R., Siqueira, V. R., & Souza, F. G. M. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista Saúde Pública*, 39(1), 108-113. <https://doi.org/10.1590/S003489102005000100014>
- American Psychological Association (2022). *Manual de publicação da APA: o guia oficial para o estilo APA (7a ed.)*. Artmed.
- Balbuena, B. (2011). Investigação sobre atendimento psicossocial oferecido em delegacias de defesa da mulher. *Psicólogo Informação*, 15 (15), 69-82. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v15n15/v15n15a05.pdf>
- Barbosa, F. O., Macedo, P. C. M., & Silveira, R. M. C. (2011). Depressão e suicídio. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 14(1), 233-243. Recuperado de <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/401/388>
- Bianchini, A. (2014). *Lei Maria da Penha - Lei n. 11.340/2006: aspectos assistenciais, protetivos e criminais da violência de gênero (2a ed.)*. Saraiva.
- Botega, N. J., Barros, M. B. A., Oliveira, H. B., Dalgalarondo, P., & M-León, L. (2005). Suicidal behavior in the community: prevalence and factors associated with suicidal ideation [Comportamento suicida na comunidade: prevalência e fatores associados à ideação suicida]. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 27(1), 45-53. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462005000100011>
- Carneiro, R. S., & Freire, R. (2015). Um estudo da relação entre violência psicológica e autoestima. *Conexões Psi*, 3(1), 34-48. Recuperado de <https://core.ac.uk/download/pdf/229105388.pdf>
- Cerqueira, D., Moura, L. R., & Izumino, W. P. (2019, agosto). Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra mulheres no Brasil (Texto para Discussão, Nº 2501). *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. Recuperado de <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9705-td2501.pdf>

- Cerqueira, D. (Coord.), Bueno, S. (Coord.), Lima, R. S., Alves, P. P., Marques, D., Lins, G. O. A., Camarano, A. A., Barbosa da Silva, F. A., Coelho, D., Sobral, I., Armstrong, K. C., Villela, M., Macedo, H., Moura, L., Lunelli, I. C., Bernardes, L., Brandão, J., Martins, J., Pacheco, D., ... Vela, R. G. (2023). *Atlas da Violência 2023*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado de <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/12/atlas-da-violencia-2023.pdf>
- Chachamovich, E., Stefanello, S., Botega, N., & Turecki, G. (2009). Quais são os recentes achados clínicos sobre a associação entre depressão e suicídio? *Revista Brasileira Psiquiatria*, 31(1), 18-25. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000500004>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2017). *Documento técnico do Qualis Periódicos: Qualis Periódicos*. Recuperado de <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/avaliacao-quadrinial-2017/DocumentotcnicoQualisPeridicosfinal.pdf>
- Correia, C. M., Gomes, N. P., Couto, T. M., Rodriguez, A. D., Erdmann, A. L., & Diniz, N. M. F. (2014). Representações sobre o suicídio para mulheres com história de violência doméstica e tentativa do mesmo. *Texto Contexto Enfermagem*, 23(1), 118- 125. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072014000100014>
- Correia, C. M., Diniz, N. M. F., Gomes, N. P., Andrade, I. C. S., Campos, L. M., & Carneiro, J. B. (2018). Sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica. *SMAD- Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 14(4), 219-225. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.151401>
- Cruz, J. M., Stocco, C. A. S., Ferreira, A., Souza, E. T., Wagner, F. B. C., & Ferrante, F.G.(2018). *Relacionamento abusivo: o silêncio dentro do lar*. Anais do Evento de Iniciação Científica (EVINCI) - UniBrasil, 4(2), 434-446. Recuperado de <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/4278/3508>
- D'Agostini, M., Zanin, K. A. S., Moro, C. D., Czismoski, D. F., Giacometti, E., Oliveira, J. C. S. D., Basso, T. R. S., & Algeri, V. (2021). Representações sociais sobre relacionamento abusivo. *Brazilian Journal Development*, 7(2), pp. 20701-20721. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-627>
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). A violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista Psiquiatria Rio Grande do Sul*, 25(1), 9-21. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400003>
- Devries, K., Watts, C., Yoshihama, M., Kiss, L., Schraiber, L. B., Deyessa, N., Heise, L., Durand, J., Mbwambo, J., Jansen, H., Berhane, Y., Ellsberg, M., & Garcia-Moreno, C. (2011). A violência contra as mulheres está fortemente associada às tentativas de suicídio: evidências do estudo multinacional da OMS sobre a saúde das mulheres e a violência doméstica contra as mulheres. *Ciências Sociais e Medicina*, 73(1), 79-86. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2011.05.006>
- Dourado, S. M., & Noronha, C. V. (2014). A face marcada: as múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 24(2), 623-643. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000200016>
- Duarte, L. R. C. (2022). *Violência doméstica e familiar: processo penal psicoeducativo*. Almedina Brasil.
- Feio, T. A., Moura, P. R. F., & Pontes, J. A. S. (2022). A mulher sofre em dobro: a violência doméstica no Brasil contra as mulheres e a repercussão do isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19 no aumento dos índices de tal violência. *Revista Brasileira Segurança Pública*, 16(3), 10-31. <https://doi.org/10.31060/rbsp.2022.v16.n3.1410>
- Fonseca, D. H., Ribeiro, C. G., & Leal, N. S. B. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia e Sociedade*, 24(2), 307-314. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200008>
- Garcia-Moreno, C., Jansen, E. A. F. M., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. H. (2006). Prevalência da violência entre parceiros íntimos: conclusões do

- estudo multinacional da OMS sobre a saúde das mulheres e a violência doméstica. *The Lancet*, 368(9543), 1260-1269. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(06\)69523-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(06)69523-8)
- Gomes, N. P., Carneiro, J. B., Almeida, L. C. G., Costa, D. S. G., Campos, L. M., Virgens, I. R., & Webler, N. (2022). Permanência de mulheres em relacionamentos violentos: desvelando o cotidiano conjugal. *Cogitare Enfermagem*, 27. <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.78904>
- Guimarães, R. C. S., Soares, M. C. S., Santos, R. C., Moura, J. P., Freire, T. V. V., & Dias, M. D. (2018). Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. *Revista Cuidarte*, 9(1), 1988-1997. <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v9i1.438>
- Heise, L., & Garcia-Moreno, C. (2002). Violência perpetrada por parceiros íntimos. In Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., Lozano, R. (Eds.), *Relatório mundial sobre violência e saúde* (pp. 87-122). Organização Mundial da Saúde. Recuperado de <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>
- Koss, M. P. (1990). A agenda de pesquisa em saúde mental das mulheres: violência contra as mulheres. *Psicólogo Americano*, 45(3), 374-380. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.45.3.374>
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. (2006, agosto 8). *Cria mecanismo para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)
- Lei n. 13.104, de 09 de março de 2015. (2015, março 10). Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Recuperado de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm)
- López, M., & Sánchez-Loyo, L. M. (2015). Violencia domestica y conducta suicida: relatos de mujeres sobre la violencia y sus efectos [Violência doméstica e conduta suicida: relatos de mulheres sobre a violência e seus efeitos. *Acta Universitaria*, 25(2), 57-61. <https://doi.org/10.15174/au.2015.886>
- Lucena, K. D. T., Deininger, L. S. C., Coelho, H. F. C., Monteiro, A. C. C., Vianna, R. P. T., & Nascimento, J. A. (2016). Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *Journal of Human Growth and Development*, 26(2), 139-146. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119238>
- Mâncio, R. S., Oliveira, S. A., & Pena, F. G. (2020, março 25-27). *Empoderamento feminino: um estudo com mulheres empreendedoras*. *Anais do XI Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE)*. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/342934043\\_EMPODERAMENTO\\_FEMININO\\_UM\\_ESTUDO\\_COM\\_MULHERES\\_EMPREENDEDORAS/fulltext/5f1c96e9299bf1720d6575f1/EMPODERAMENTO-FEMININO-UM-ESTUDO-COM-MULHERES-EMPREENDEDORAS.pdf](https://www.researchgate.net/publication/342934043_EMPODERAMENTO_FEMININO_UM_ESTUDO_COM_MULHERES_EMPREENDEDORAS/fulltext/5f1c96e9299bf1720d6575f1/EMPODERAMENTO-FEMININO-UM-ESTUDO-COM-MULHERES-EMPREENDEDORAS.pdf)
- Martins, V. M., & Bartilotti, C. B. (2015). “Acabou comigo como pessoa”: a caracterização da violência doméstica a partir da percepção das mulheres violentadas. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 16(108), 41-61. <https://doi.org/10.5007/1984-8951.2015v16n108p41>
- Meneghel, S. N., Hesler, L. Z. Cecon, R. F., Trindade, A. G., & Pereira, S. (2013). Suicídio de mulheres: uma situação limite? *Athenea Digital*, 13(2), 207-217. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104709/000898397.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & Grupo PRISMA. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação Prisma. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335-342. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ress/a/TL99XM6YPx3Z4rxn5WmCNCf/?lang=pt>
- Morais, A. C. (2009). *Depressão em mulheres vítimas de violência doméstica* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional UFBA. <https://>

repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11425/1/  
Disserta%C3%A7%C3%A3o\_Enf\_Ariane%20  
Cedraz%20Morais.pdf

- Mosquera, J. J. M., & Stobäus, C. D. (2006). Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 7(1), 83-88. Recuperado de <https://www.scielo.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a06.pdf>
- Netto, L. A., Moura, M. A. V., Queiroz, A. B. A., Tyrrell, M. A. R., & Bravo, M. M. P. (2014). Violência contra a mulher e suas consequências. *Acta Paul. Enferm.*, 27(5), 458-464. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400075>
- Netto, L. A., Moura, M. A. V., Queiroz, A. B. A., Leite, F. M. C., Silva, G. F. (2016). Isolamento de mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: uma condição em redes sociais. *Escola Anna Nery*, 21(1). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ean/a/vmFS8554cXpP3NQKNyTkPPb/?format=pdf&lang=pt>
- Nogueira, J. B. (2018). *A violência doméstica e familiar contra a mulher e a ineficácia de medidas protetivas de urgência previstas na Lei nº 11.340/06 (Lei Maria da Penha)* [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/935>
- Nogueira, C. M., Backes, D. S., Costenaro, R. G. S., Londero, C. A., & Souza, M. H. T. (2021). Situações e repercussões da violência doméstica na saúde das mulheres. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 10(2), 272-279. <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i2.3888>
- Oshiro, C. M. P. (2017). *Violência de gênero e religião: uma análise da influência do cristianismo em relações familiares violentas a partir de mulheres acolhidas nas Casas Abrigo Regional Grande ABC e de homens autores de violência doméstica* [Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1655>
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v10n2/07.pdf>
- Paiva, T. T., Lima, K. S., & Cavalcanti, J. G. (2022). Abuso psicológico, autoestima e dependência emocional de mulheres durante a pandemia de COVID-19. *Ciências Psicológicas*, 16(2), 01-16. <https://doi.org/10.22235/cp.v16i2.2257>
- Paz, P. O., Pires, N. S., Vieira, L. B., & Witt, R. R. (2019). Vulnerabilidade de mulheres em situação de violência atendidas em serviço especializado. *Aquichan*, 19(2), 01-12. <https://doi.org/10.5294/aqui.2019.19.2.2>
- Pontes, L. B., Dionísio, M. B. R., Bertho, M. A. C., Grama, V. D., & D’Affonseca, S. M. (2021). Redes de apoio à mulher em situação de violência durante a pandemia de Covid-19. *Revista Psicologia e Saúde*, 13(3), 187-201. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i3.1413>
- Rodriguez, M. R. V., & Pazmiño, M. A. G. (2019). Autoestima e violência doméstica: intervenção psicoterapêutica. *Revista Científica Retos de la Ciencia*, 3(7), 48-55. <https://doi.org/10.53877/rc.3.7.20190701.05>
- Saffioti, H. I. B. (2002). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, (16), 115-136. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>
- Sanz-Barbero, B., Otero-García, L., Boira, S., Marcuello, C., & Cases, C. V. (2016). Acción Cost Femicide Across Europe, un espacio de cooperación transnacional para el estudio y el abordaje del feminicidio en Europa [Ação Cost Femicide Across Europe, um espaço de cooperação transnacional para o estudo e abordagem do feminicídio na Europa] *Gaceta Sanitaria*, 30(5), 393-396. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2016.04.019>
- Silva, A. F. C., Alves, C. G., Machado, G. D., Meine, I. R., Silva, R. M., & Carlesso, J. P. P. (2019). Violência doméstica contra a mulher: contexto sociocultural e saúde mental da vítima. *Research, Society and Development*, 9(3), 1-17. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i3.2363>

- Silva, T R. P. (2021). *A avaliação da eficácia do programa motivacional breve em agressores de violência doméstica*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10313>
- Soares, B. M. (2005). *Enfrentando a violência contra a mulher: orientações práticas para profissionais e voluntários*. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Recuperado de [https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy\\_of\\_acervo/outras-referencias/copy2\\_of\\_entenda-a-violencia/pdfs/enfrentando-a-violencia-contra-a-mulher-orientacoes-praticas-para-profissionais-e-voluntarios](https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/enfrentando-a-violencia-contra-a-mulher-orientacoes-praticas-para-profissionais-e-voluntarios)
- Soares, C. B., Hoga, L. A. K., Peduzzi, M., Sangaleti, C., Yonekura, T. & Silva, D. R. A. D. (2014). Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. *Revista Escola de Enfermagem*, 48(2), 335-345. <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer? *Einsten*, 8(1), 102-106. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>
- Souza, M. B., & Silva, M. F. S. (2019). Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. *Pensando Famílias*, 23(1), 153-166. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a12.pdf>
- Souza, L. J., & Farias, R. C. P. (2022). Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. *Serviço Social & Sociedade*, 144, 213-232. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>
- Vergara, J. (2018). *Toda canção de liberdade vem do cárcere: homofobia, misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro]. Hórus. Recuperado de <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11947>